

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS - UNEAL
CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA EM LETRAS -
PORTUGUÊS E SUAS LITERATURAS

MARIA NAYARA DE LIMA FREITAS

**DISCURSO SOBRE O POVO WASSU COCAL EM MEIO AO
PROCESSO DE DUPLICAÇÃO DA BR 101
memória e silenciamento de uma etnia**

PALMEIRA DOS ÍNDIOS

2025

MARIA NAYARA DE LIMA FREITAS

**DISCURSO SOBRE O POVO WASSU COCAL EM MEIO AO
PROCESSO DE DUPLICAÇÃO DA BR 101
memória e silenciamento de uma etnia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Letras – Português e suas literaturas, do Campus III da Universidade Estadual de Alagoas.

Orientador: Prof. Dr. Lavoisier Almeida dos Santos

PALMEIRA DOS ÍNDIOS

2025

MARIA NAYARA DE LIMA FREITAS

**DISCURSO SOBRE O POVO WASSU COCAL EM MEIO AO
PROCESSO DE DUPLICAÇÃO DA BR 101
memória e silenciamento de uma etnia**

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras e suas literaturas, através do curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas – CLIND, da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em: 05/04/2025

Documento assinado digitalmente
 **LAVOISIER ALMEIDA DOS SANTOS**
Data: 02/05/2025 08:24:42-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Lavoisier Almeida dos Santos (Orientador/Presidente da Banca)

Documento assinado digitalmente
 **DAVID CHRISTIAN DE OLIVEIRA PEREIRA**
Data: 05/05/2025 11:33:56-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dr. David Christian de Oliveira Pereira (1º avaliador)

Documento assinado digitalmente
 **SAMARA CAVALCANTI DA SILVA**
Data: 07/05/2025 09:08:49-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Samara Cavalcanti da Silva (2ª Avaliadora)

Às mães, pais e ancestrais Wassu Cocal,
Pela transmissão de sua cultura
e pela resistência.
A minha família querida,
Por ter me sustentado durante essa jornada.
Pelo amor, paciência e incentivo.

RESUMO

FREITAS, Maria Nayara de Lima. **Discurso sobre o povo Wassu Cocal em meio ao processo de duplicação da BR 101:** memória e silenciamento de uma etnia. 2025. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura Intercultural Indígena em Letras: Português e suas Literaturas – Universidade Estadual de Alagoas: Palmeira dos Índios, 2025.

A presente pesquisa, a partir do referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso pecheutiana, tem o objetivo de analisar falas/comentários/postagens sobre o povo Wassu Cocal que circulam nas redes sociais digitais na ocasião de publicações que tratem de acidentes e/ou bloqueios da BR 101 em meio ao seu processo inacabado de duplicação. Mapeando, identificando e analisando esses discursos em redes sociais e plataformas *on-line* como *YouTube* e *Facebook*, e utilizando as categorias teórico-analíticas da “memória discursiva” e do “silenciamento”, esta investigação abre um espaço significativo para reflexão crítica sobre a identidade Wassu Cocal em oposição aos acidentes e incidentes da BR 101, questionando as representações que perpetuam no imaginário coletivo de Alagoas e do Brasil estereótipos que invisibilizam a percepção da real identidade do indígena alagoano de forma específica e, de forma geral, do indígena brasileiro. Apresenta-se como principal resultado desta investida teórico-analítica o fato que os discursos sobre o indígena brasileiro sedimentam um grande silenciamento do nosso processo histórico e social de colonização e, nesse sentido, a reflexão, aqui realizada, contribui para a desconstrução de narrativas que marginalizem a identidade Wassu Cocal e promovam uma visão uniformizada do indígena Brasileiro, negando sua identidade, sua existência e história de povos originários.

Palavras-chave: Povo Wassu Cocal. BR 101. Silenciamento. Discurso sobre o indígena.

ABSTRACT

FREITAS, Maria Nayara de Lima. **Discourse on the Wassu Cocal People Amidst the Duplication Process of BR 101: Memory and Silencing of an Ethnicity.** 2025.. Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura Intercultural Indígena em Letras: Português e suas Literaturas – Universidade Estadual de Alagoas: Palmeira dos Índios, 2025.

This research, based on the theoretical-methodological framework of Pecheutian Discourse Analysis, aims to analyze statements/comments/posts about the Wassu Cocal people circulating on digital social networks in the context of publications addressing accidents and/or blockages of BR 101 during its ongoing duplication process. By mapping, identifying, and analyzing these discourses on social media platforms such as YouTube and Facebook, and using the theoretical-analytical categories of “discursive memory” and “silencing,” this investigation opens up a significant space for critical reflection on the Wassu Cocal identity in contrast to the accidents and incidents of BR 101. It questions the representations that perpetuate stereotypes in the collective imagination of Alagoas and Brazil, which render invisible the true identity of indigenous people from Alagoas in particular and, more generally, of indigenous Brazilians. The main result of this theoretical-analytical endeavor is the fact that discourses about the indigenous Brazilian reinforce a large silencing of our historical and social process of colonization. In this sense, the reflection carried out here contributes to the deconstruction of narratives that marginalize the Wassu Cocal identity and promote a uniformed view of the Brazilian indigenous, denying their identity, existence, and history as native peoples

Keywords: Wassu Cocal people. BR 101. Silencing. Speech about the indigenous.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 O POVO WASSU COCAL E A DUPLICAÇÃO DA BR 101: IMPACTOS SOBRE O TERRITÓRIO E A IDENTIDADE DE UM POVO.....	08
3 O DISCURSO SOBRE O POVO WASSU COCAL NO PROCESSO DE DUPLICAÇÃO DA BR 101: APRESENTANDO O CORPUS DA PESQUISA.....	11
4 NO TRÂNSITO DOS SENTIDOS: ANALISANDO O DISCURSO SOBRE OS INDÍGENAS EM MEIO AOS BLOQUEIOS DA BR 101.....	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
6 REFERÊNCIAS.....	20

1 INTRODUÇÃO

O processo de duplicação da BR 101 no trecho de Joaquim Gomes, zona da mata de Alagoas, é alvo de várias disputas entre o governo e comunidade indígena Wassu Cocal. Essas disputas são materiais e simbólicas, envolvendo território, cultura, a vida social da aldeia, suas demandas por saúde, educação, trabalho etc. Nosso trabalho, vai se debruçar sobre um campo de disputa simbólica que se materializa na linguagem por meio do discurso. Entendendo com Pêcheux (2014), o discurso essencialmente como efeitos de sentido entre interlocutoras, vamos refletir, então sobre a disputa dos sentidos produzidos pelo discurso sobre o indígena em meio aos embates e protestos ocorridos no trecho ainda não duplicado da referida BR.

Dessa forma, já podemos adiantar que esses discursos caminham na direção de apresentar a etnia Wassu Cocal como culpada por acidentes ocorridos nesse trecho e culpada pela própria não duplicação do mesmo, silenciando as omissões e não cumprimentos de acordos por parte da esfera pública-governamental. Sendo assim, tomando como as condições imediatas de produção do discurso os protestos realizados pela comunidade Wassu Cocal, buscamos problematizar, neste trabalho, quais são os efeitos de sentido produzidos pelos dizeres sobre o indígena, bem como o que é silenciado por eles e a memória discursiva que é evocada/atualizada.

A presente pesquisa tem fundamental importância por problematizar e analisar discursos sobre a comunidade Wassu Cocal em meio ao processo de duplicação da BR 101, discutindo as ligações históricas e os silenciamentos realizados por esses discursos. É interessante destacar que, nesse movimento teórico de se analisar o que se fala sobre o indígena, isto é, a imagem que se tem especificamente sobre nossa comunidade e - de forma geral - a imagem que se tem sobre o indígena brasileiro, abrimos um espaço crítico de reflexão pra pensarmos sobre nossa identidade Wassu Cocal, sobre nossas raízes.

2 O POVO WASSU COCAL E A DUPLICAÇÃO DA BR 101: IMPACTOS SOBRE O TERRITÓRIO E A IDENTIDADE DE UM POVO

O povo Wassu Cocal, depois de muitas lutas, protestos, reivindicações, assassinato de suas lideranças, tem seu território estabelecido na zona da mata do estado de Alagoas. Sua terra indígena (TI), banhada pelo rio Camaragibe e repleta de serras, cachoeiras e árvores, constitui um espaço de abertura para a conexão com a natureza, com os ancestrais e com o sagrado. A história de luta do povo Wassu por seu território reforça a ligação do seu território com sua identidade. A BR 101, à medida que corta esse território, impõe vários desafios à identidade desse povo.

Ao passo que conecta a aldeia às cidades próximas de Joaquim Gomes, Flexeiras e Novo Lino e às capitais de Alagoas e Pernambuco, facilitando muitas demandas da comunidade, a BR 101 desperta ideologicamente a antiga sedução do progresso, do avanço e da civilização. É como se o futuro, a riqueza estivesse na BR, em sua duplicação e não no Cocal Velho, nos seus espaços sagrados, na memória física e simbólica da luta desse povo. Conforme posto por Santos (2020), ao analisar o discurso de novidade do projeto do novo Ensino Médio, a ideologia, dentre outras questões, produz um efeito de modernização. Para melhor entender esse funcionamento da ideologia, é importante considerar o que diz Orlandi (2007a, p. 97):

[...] a ideologia não é “X” mas o mecanismo de produzir “X”. Pela ideologia há transposição de certas formas materiais em outras, isto é, há simulação (e não ocultação) em que são construídas transparências para ser interpretadas por determinações históricas. [...] a ideologia não é ocultação mas interpretação de sentido em certa direção, direção esta determinada pela história.

Por meio desse efeito ideológico, entendemos que essa rodovia surge como um simulacro de modernização para o povo Wassu Cocal. Dessa forma, entendemos que a duplicação da BR não envolve apenas uma questão de infraestrutura; ela representa um risco real à sobrevivência cultural e territorial dessa comunidade indígena. A análise dos discursos que cercam essa obra revela como a memória e a identidade desse povo têm sido silenciadas ao longo desse processo, refletindo um desrespeito às suas raízes e tradições.

Para os Wassu Cocal, o território não é apenas um espaço físico; ele é carregado de significados culturais, espirituais e sociais. As terras que habitam são fundamentais para a manutenção de suas práticas tradicionais como a pesca, a agricultura, o Ouricuri, os grafismos, a vivência com suas serras e árvores sagradas, a conexão com os ancestrais, o toré etc. Com a duplicação da BR 101, há um temor crescente de que esses espaços sagrados sejam desrespeitados ou até mesmo destruídos, levando à perda de identidade e à fragmentação de nosso povo.

Os discursos oficiais sobre a duplicação da BR 101 frequentemente minimizam os impactos sobre as comunidades locais. Eles tendem a enfatizar os benefícios econômicos e de mobilidade que a nova rodovia trará, sem considerar as vozes dos indígenas que habitam as áreas afetadas. Esse silenciamento não é apenas uma omissão, mas uma forma: “[...] de apagar sentidos, de silenciar e de produzir o não-sentido onde ele mostra algo que ameaça” (Orlandi, 2007b, p. 14). Desse modo, temos uma deslegitimação da presença indígena na narrativa oficial na qual as preocupações e demandas da comunidade indígena mais uma vez são tratadas como secundárias em relação ao progresso econômico do país.

A memória coletiva do povo Wassu Cocal serve como um poderoso mecanismo de resistência diante da ameaça da duplicação da rodovia. Através de contos, danças e rituais, os membros da comunidade preservam suas histórias e reafirmam sua identidade frente ao avanço do projeto. Essa resistência cultural é fundamental para manter viva a luta contra o apagamento de sua etnia e para reivindicar seus direitos territoriais.

As políticas públicas existentes muitas vezes falham em garantir os direitos dos povos indígenas frente a grandes obras de infraestrutura como a duplicação da BR 101. É urgente que haja uma revisão dessas políticas, promovendo um diálogo efetivo entre as autoridades governamentais e as comunidades indígenas. Somente através do reconhecimento legítimo dos direitos territoriais dos Wassu Cocal será possível mitigar os impactos negativos dessa duplicação.

A luta do povo Wassu Cocal frente à duplicação da BR 101 vai além de um mero embate territorial; ela é emblemática das lutas mais amplas pelos direitos dos povos indígenas no Brasil. Ao problematizar os discursos que cercam essa questão, é possível abrir espaço para uma reflexão crítica sobre o silenciamento das vozes indígenas na sociedade contemporânea. Reconhecer e valorizar essas experiências

é fundamental para garantir que a história do povo Wassu Cocal não seja esquecida nem apagada.

Orlandi (2008), em discute como a narrativa sobre os povos indígenas é frequentemente construída a partir de perspectivas externa pelo discurso do outro, tendendo sempre a silenciar o elemento indígena no processo histórico de constituição da identidade do brasileiro. Esse discurso do outro deve ser entendido como o discurso sobre o indígena produzido por outrem na intencionalidade prático-operativa de “[...] falar sobre o ‘outro’ para instituir a imagem de ‘si’” (Orlandi, 2008, p. 52). Pensamos ser importante destacar que esse silenciamento passa pela negação do indígena brasileiro. Destacamos isso pelo fato dessa negação ter sido uma constante em nosso processo de análise.

Esse efeito de sentido de negação da identidade indígena é posto constantemente movimento pelos discursos sobre o povo Wassu Cocal em meio aos protestos contra a duplicação e acidentes ocorridos na BR 101. Os discursos, por nós analisados, frequentemente anulam a identidade indígena Wassu, perpetuando uma imagem estereotipada que não condiz com a complexidade da cultura, história de luta e do território desse povo.

Pensamos ser importante adiantar ao leitor que vamos tratar aqui sobre a identidade do povo Wassu na mesma perspectiva que Eni Orlandi, em *Terra à vista - Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. Estaremos atentos para os sentidos que se sedimentam no imaginário coletivo social sobre o indígena Wassu Cocal de forma específica e o indígena brasileiro de forma geral:

Nosso objetivo não é falar da “constituição da identidade, mas antes do imaginário que se constrói para a significação do brasileiro. Qual é a concepção de brasileiro [...] e como a concepção de brasileiro vai trabalhando tanto a exclusão como a fixação de certos sentidos, efeitos de sentido que produzem um imaginário que coloca no brasileiro uma marca de nascença que funcionará ao longo de toda a sua história: o discurso colonialista. [...] um discurso que funciona para que seja uma marca a-histórica e de essência (Orlandi, 2008, p. 55)

Não estamos negando de forma alguma a importância da memória coletiva na formação da identidade indígena Wassu, nem a riqueza cultural das narrativas orais de seus anciões que atualizam a memória de uma luta cruel pelo território hoje

constituído, estabelecido, mas ainda em processo de batalha pela sua manutenção e ampliação. Contudo, nosso objetivo aqui é analisar o imaginário coletivo-social que se constituiu sobre o povo Wassu Cocal em meio ao trânsito de sentidos no trecho ainda não duplicado da BR 101 – na altura dos quilômetros 20,6 e 27,3. Buscaremos, então, analisar os discursos produzidos sobre esse povo e sobre o indígena brasileiro de forma geral em meio aos protestos, acidentes e incidentes ocorridos na referida rodovia.

É importante destacar que, da mesma forma que a relação que o povo Wassu Cocal estabelece com o seu território não é apenas física/material, a relação que se estabelece com a rodovia federal que invade esse território também não o é. Como já anunciado nesta pesquisa, a BR 101 funciona como um simulacro de modernização para o povo Wassu Cocal e a sua duplicação representa uma ampliação dessa tensão na qual os interesses econômicos do novo mundo, para parafrasear a terminologia da obra de Eni Orlandi, se chocam com a cultura e identidade dos Wassu Cocal. Esse embate também não é apenas físico, mas também simbólico, refletindo uma luta por narrativas e reconhecimento.

3 O DISCURSO SOBRE O POVO WASSU COCAL NO PROCESSO DE DUPLICAÇÃO DA BR 101: APRESENTANDO O CORPUS DA PESQUISA

Trabalharemos, nesta pesquisa, com a definição de *corpus* discursivo, elaborada por Courtine (2014, p. 54), entendendo-o “como um conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido em relação a um certo estado das CP [condições de produção] do discurso”.

Sendo assim, toda a discussão da seção anterior pode ser tomada como as condições estritas de produção do discurso que será posto em tela no decorrer desta discussão. Precisamos explicar, pois, o que entendemos por condições de produção do discurso.

A partir de Florêncio *et al.* (2009, p. 66), podemos conceitua-las “[...] como categoria essencial no entendimento de como os discursos se constituem, seus sentidos, sua atuação na realidade – como transformação e/ou estabilização dessa mesma realidade em que é produzido”. E, seguindo essa perspectiva, as condições de produção estritas do discurso seriam “[...] as condições imediatas que engendram a sua formulação” (Florêncio *et al.*, 2009, p. 67).

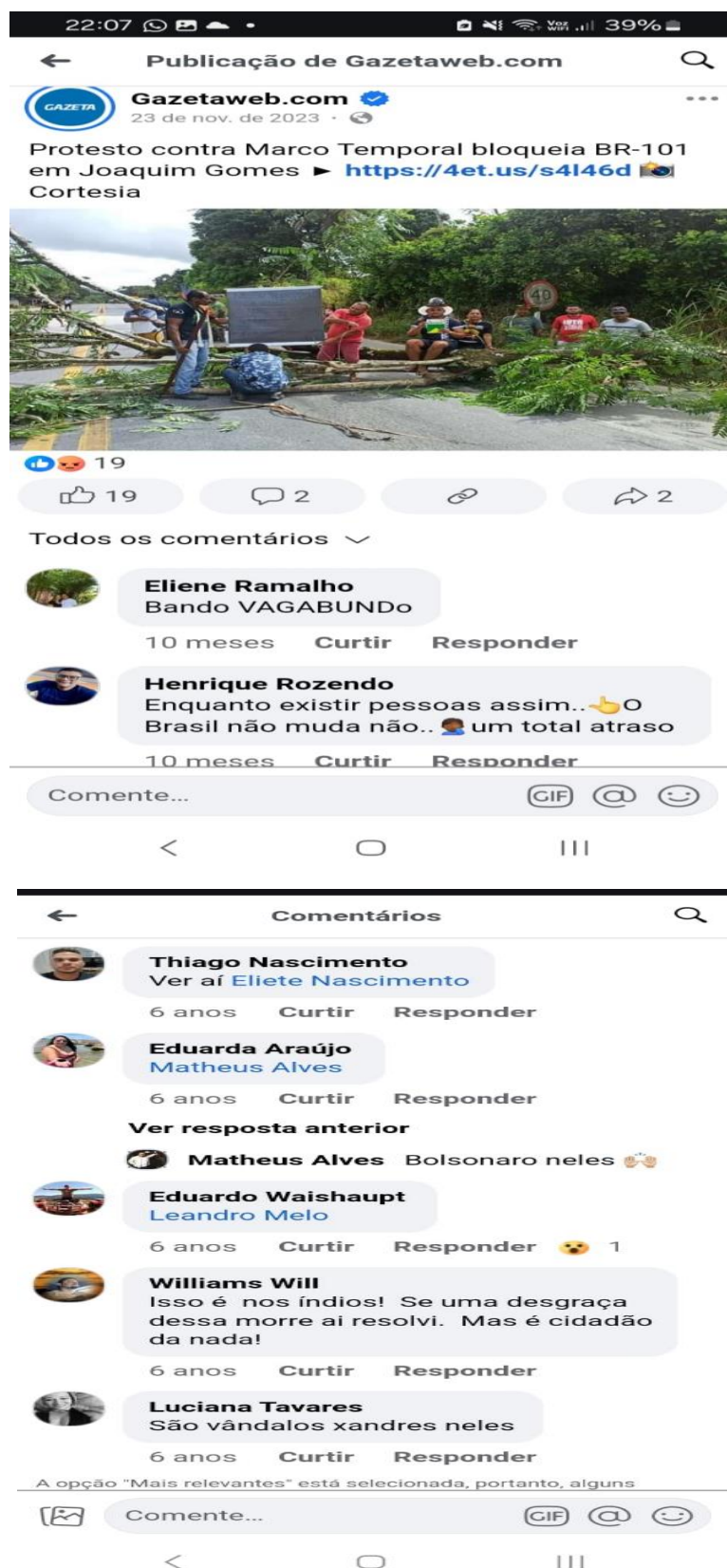
Tendo, então, situado o leitor dentro de nosso entendimento do que seria o *corpus* discursivo e as condições de produção no campo teórico analítico da AD pecheutiana, apresentaremos agora o *corpus* da pesquisa, bem como o caminho percorrido para chegarmos até ele.

No estado de Alagoas, é muito comum quando se fala nos “Índio de Joaquim Gomes”, “na pista do Cocal” ou “nos Índios do Cocal” se fazer logo uma associação entre os indígenas Wassu e os acidentes ocorridos com automóveis de passeio, viradas de carretas e saques à carga nesse trecho da BR 101. Muitas vezes, os discursos culpabilizam os indígenas pela não duplicação e pelos acidentes ocorridos no referido trecho. A significação da identidade indígena Wassu no imaginário coletivo do povo alagoano está intrinsecamente ligado a essas questões. É importante destacar que esse discurso transita fortemente entre os caminhoneiros que passam pelo nosso território: ora sentido Maceió – capital de Alagoas, ora sentido Recife – capital pernambucana.

Nós sabíamos da existência e da circulação desses discursos. Contudo, surgiu a questão de onde ou a partir de que iríamos fazer os registros para poder documentar na pesquisa e proceder com as análises. A nossa ideia foi procurar e analisar comentários em postagens sobre protestos na BR 101 nas redes sociais virtuais. Pensamos inicialmente em pesquisar algumas postagens no *Instagram* por meio das postagens no Feed e Reels. Fizemos usando as chaves de buscas “Protesto na BR 101 + Indígenas/Índios”, mas foi sem sucesso. Localizamos um vídeo mostrando um protesto, mas sem nenhum comentário.

Usando a mesma chave de busca, fomos procurar no *Facebook* – inclusive, em busca de postagens, entramos em um grupo dessa comunidade virtual intitulado *Loucos da BR 101*. Nessa nova rede social, encontramos uma postagem com comentários que atenderam às expectativas de nossa proposta de pesquisa:

Imagem 1 – Postagem no *Facebook*



Fonte:
https://www.facebook.com/watch/?v=1761458327266972&surface_type=vod&referral_source=Search

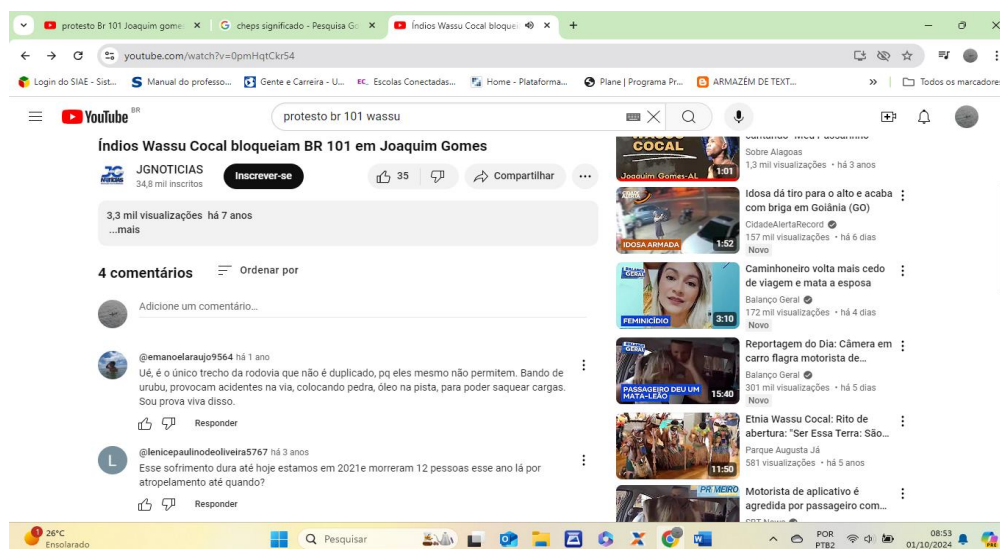
Dessa materialidade, destacamos as seguintes sequências discursivas (SD):

“Enquanto existir pessoas assim ... o Brasil não muda não muda não ..  um total atraso” (SD1); e “Isso é nos índios! Se uma desgraça dessa morre aí resolve. Mas é cidadão da nada” (SD2).

Em busca de outras materialidades discursivas que pudessem compor o nosso *corpus*, fizemos outras buscas na plataforma digital do *YouTube*, utilizando agora como chave de busca “Protesto BR 101 + Wassu”. Nessa nova pesquisa, identificamos três vídeos, acompanhados de comentários dos internautas, que tratavam de bloqueios na BR 101 envolvendo indígenas. Não especificamos a expressão *indígenas Wassu Cocal* de forma proposital pois o último vídeo, mapeado por nós na referida plataforma digital, não era sobre esses indígenas, mas sobre uma outra etnia de outro estado brasileiro.

Mesmo tendo utilizado como chave de busca as expressões “BR 101 + Joaquim Gomes” que é o município no qual a aldeia Wassu fica situada, o *YouTube* relacionou, para nossa pesquisa, um vídeo que relatava um protesto contra o marco temporal realizado por indígenas da etnia Guarani, pertencentes à aldeia Tarumã que fica no município de Araquari, estado de Santa Catarina. A BR 101 também passa próximo à TI Tarumã, impactando negativamente, sob diversos aspectos, a vida desse povo. Apresentaremos, na sequência, as materialidades que encontramos nos comentários sobre os vídeos mapeados por meio das imagens 2, 3 e 4.

Imagem 2 – Índios Wassu Cocal bloqueiam BR 101 em Joaquim Gomes



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0pmHqtCkr54>

Dessa segunda materialidade, destacamos a seguinte comentário para posterior análise: “Ué, é o único trecho da rodovia que não é duplicado, pq eles mesmo não permitem. Bando de urubu, provocam acidentes na via, colocando pedra, óleo na pista, para poder saquear cargas. Sou prova viva disso” (SD3).

Não vamos antecipar a discussão da análise em curso, mas, para melhor situar o leitor nas condições imediatas de produção do discurso, chamamos a atenção para o fato de que um dos indígenas presentes no vídeo é cadeirante e a causa dessa sua limitação física foi um capotamento que ocorreu na BR e ele, estando - à espera de um transporte - na margem da rodovia foi atingido pelo veículo que capotou. Encaminhamo-nos para a próxima materialidade.

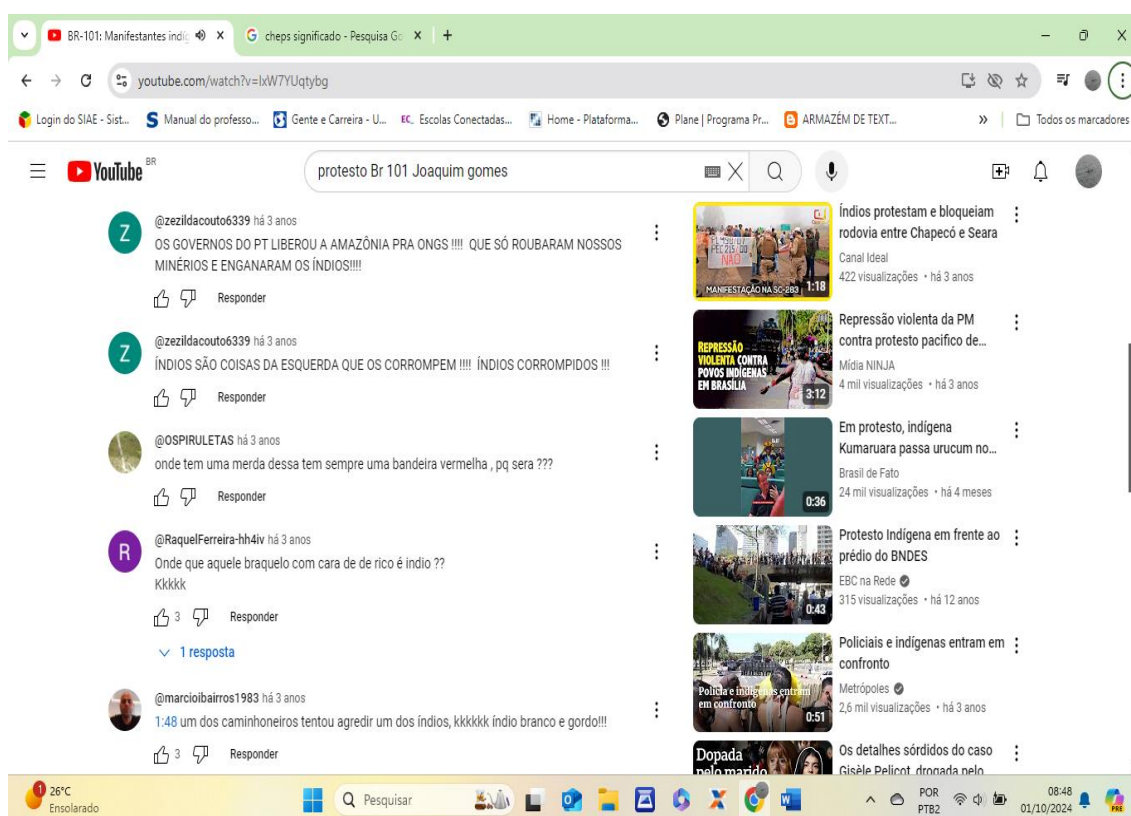
Imagem 3 – Duplicação do trecho da BR 101 que corta a terra indígena em Joaquim Gomes é autorizada

The image is a screenshot of a YouTube video player. The browser address bar shows the URL: [youtube.com/watch?v=Y30h_wlRjJI](https://www.youtube.com/watch?v=Y30h_wlRjJI). The video title is "Duplicação de trecho da BR-101 que corta terra indígena em Joaquim Gomes é autorizada" by the channel "TV Pajuçara". The video has 423 views and was uploaded 2 weeks ago. The description mentions a reportage by Maria Maciel. The comments section shows two comments. The right sidebar displays a list of recommended videos from TV Pajuçara, including "Imagens divulgadas em canal do Youtube mostram manchas...", "PRESOS ENGRAÇADOS PARTE 2", "No Feitosa: Cervejaria é fechada pela polícia após...", "A HISTÓRIA DE PABLO (A VOZ ROMÂNTICA)", and "Emissário submarino de Maceló pode desabar a qualquer...".

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Y30h_wlRjJI

Dessa materialidade, destacamos o primeiro comentário: *“Meia dúzia de cheps que não contribuem em nada para uma obra que beneficia toda uma nação isso só pode ser no Brasil”* (SD4). Procuramos o significado de *cheps*, mas não encontramos esse termo nem no dicionário de língua portuguesa, nem no de língua inglesa. A forma mais próxima que encontramos e que se adequa bem ao contexto geral do discurso em tela foi *Cheap* que, segundo o *Dicionário Longman*, significa “adj. 1. barato; 2 ordinário, fuleiro; 3. Pão-duro, mesquinho, baixo” (Cheap, 2009, p. 64). Explicado o termo, apresentaremos, a seguir, a última materialidade que forma nosso *corpus*.

Imagem 4 –



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=lxW7YUqtybg>

Dessa materialidade, destacamos as seguintes sequências discursivas: *“OS GOVERNOS DO PT LIBEROU A AMAZÔNIA PRA ONGS !!!! QUE SÓ ROUBARAM NOSSOS MINÉRIOS E ENGANARAM OS ÍNDIOS!!!!”* (SD5); *“ÍNDIOS SÃO COISAS DA ESQUERDA QUE OS CORROMPEM!!! ÍNDIOS CORROMPIDOS!!!”* (SD6);

Onde que aquele braquelo com cara de de rico é índio?? Kkkkk (SD7); “um dos caminhoneiros tentou agredir um dos índios, kkkkkk índio branco e gordo!!!” (SD8).

Entendendo com Orlandi (2007a, p. 16) que, na proposta teórico-analítica do AD, “o político e o simbólico se confrontam”, iremos no debruçar sobre essas sequências discursivas na busca de problematizar o discurso sobre o indígena brasileiro em meio aos protestos, acidentes e incidentes ocorridos no desenrolar da Br 101 entre os marcos simbólicos da aldeia Wassu Cocal, Joaquim Gomes - AL e da aldeia Tarumã, Araquari – SC.

4 NO TRÂNSITO DOS SENTIDOS: ANALISANDO O DISCURSO SOBRE OS INDÍGENAS EM MEIO AOS BLOQUEIOS DA BR 101

Considerar as práticas linguísticas dos humanos em uma perspectiva discursiva, nos leva a pensar obrigatoriamente na língua em sua inscrição histórica, social, política, econômica, cultural aberta ao simbólico que pode significar de e sob diversas formas. Nesse sentido, é importante considerar que para a AD pecheutiana:

O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando [...]. procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história [...]. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (Orlandi, 2007a, p. 15).

O *corpus* de nossa pesquisa, apresentado na seção anterior, é uma materialização do que entendemos por palavra em movimento, isto é, as práticas languageiras dos humanos em seu funcionamento social, histórico e simbólico. É o discurso tomado como “[...] uma práxis humana que só pode ser compreendida a partir do entendimento das contradições sociais que possibilitaram sua objetivação” (Magalhães, 2003, p. 75). Isso significa que os discursos surgem imbricado com as relações sociais que os possibilitam e, dessa forma, seu entendimento passa pela problematização das contradições sociais que materializaram a sua objetivação.

Sendo assim, no contexto brasileiro, os discursos sobre os povos indígenas são possibilitados, de modo geral por meio de nosso imaginário coletivo – construído social e historicamente, do nosso processo de colonização cuja concretização se deu por meio de abundante violência material e simbólica. Para realizar essa ligação entre o discurso em tela e suas condições amplas de produção, entendidas como

“sua carga sócio-histórica-ideológica” (Florêncio *et al.*, 2009, p. 67), vamos trabalhar com duas categorias da AD já anunciadas no título desta pesquisa: a memória e o silenciamento, pois o discurso, em tela, ativa a memória da colonização, buscando silenciar de diversas formas o indígena como verdadeiros dono da terra, batizada pelo nome de Brasil, e como raiz da formação do povo brasileiro.

No âmbito da perspectiva teórica da AD, a memória discursiva “[...] entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da memória individual, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (Pêcheux 2015, p. 44). Nessa perspectiva, podemos, então, considerar a Memória como “[...] saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer” (Orlandi, 2015, p. 58).

Em relação ao silenciamento, pensamos ser importante primeiro falar sobre o silêncio: “Silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz (Orlandi, 2007b, p. 14). O silenciamento seria, então, o uso político do silêncio que acontece, conforme posto também por Orlandi (2007b, p.54), “Quando circulamos pelas razões políticas, trabalhamos a dimensão do silenciamento na “formulação” dos sentidos”.

Na SD1: *“Enquanto existir pessoas assim ... o Brasil não muda não muda não ..  um total atraso”*, temos uma metáfora discursiva. Os indígenas estão protestando, tendo como pauta principal uma mudança do Brasil por um futuro ancestral. O internauta fala também em mudança, mas são mudanças em sentido diferente. De um lado, um grupo reivindica por um Brasil que repare uma pequena parte do que historicamente foi retirado de seus povos originários. Do outro, há um contradiscurso que apresenta a necessidade de mudança no País para que se dê continuidade ao processo de expropriação e dizimação dos povos originário. Outra história, outro futuro possível, nessa inscrição ideológica, seria atraso.

A SD2 vai na mesma direção dos sentidos da SD1 no que diz respeito à atualização e intensificação do processo sócio-histórico de colonização no Brasil: *“Isso é nos índios! Se uma desgraça dessa morre aí resolve. Mas é cidadão da nada”* (SD2). Conforme posto pelo dito, a solução está na morte, no assassinato, na violência contra aquele povo que está ali lutando, contra o marco temporal, pela manutenção e ampliação desse território. O dito *“Se uma desgraça dessa morre aí*

resolve” refrata a memória de luta do povo Wassu Cocal pelo seu território e por sua identidade. Memória marcada por violências e assassinatos como o de Hibes Menino - mártir Wassu assassinado por posseiros.

Outro ponto importante a se destacar nessa análise é que tanto nos discursos sobre os indígenas Wassu de Alagoas quanto sobre os Guarani da aldeia Tarumã de Santa Catarina há um movimento de negação da identidade do indígena brasileiro por meio de um processo discursivo de nomeá-los pejorativamente por meio de termos como bando de urubu, *cheap* – fuleiro/mesquinho, corrompidos, branco e gordo etc.

Os discursos, em tela, silenciam o processo de colonização e, agora, os povos indígenas que sofreram todos os tipos de incursões violentas é que são mesquinhos, é que são urubus que não querem deixar a carniça, por escolha ou culpa são brancos etc. São vários os efeitos de sentidos que emergem em meio à memória ativada, aos ditos e aos silenciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão busca lançar luz sobre o discurso em torno da comunidade Wassu Cocal, especialmente no contexto da duplicação da BR 101, um projeto que não apenas altera a infraestrutura viária, mas também impacta profundamente a vida e a cultura dessa etnia. Ao investigar os discursos que emergem nesse cenário, é possível perceber como um grande processo de silenciamento da identidade dos povos indígenas brasileiros de forma geral e do povo Wassu Cocal de forma específica. Através da análise aqui realizada, revelamos entendemos não somente parte dos desafios enfrentados pela comunidade, mas também o rico patrimônio cultural que está em constante risco de ser apagado.

Um aspecto central desta pesquisa foi a identificação de como a imagem do indígena é construída e reproduzida em diferentes esferas sociais no imaginário coletivo do Brasil. Através de uma análise dos comentários sobre notícias tratando dos incidentes, acidentes e protestos no trecho ainda não duplicado da BR 101, observamos que as representações dos Wassu Cocal muitas vezes se limitam a estereótipos, silenciando a história de luta desse povo por seu território e sua identidade. Isso gera um espaço de invisibilidade que perpetua o silenciamento de

suas vozes e experiências. Assim, ao problematizar essas representações, desconstruímos narrativas que marginalizam a identidade Wassu Cocal e promovem uma visão uniformizada do indígena Brasileiro ou negam sua identidade.

A partir da análise dos discursos midiáticos sobre a duplicação da rodovia, observamos uma tendência à desumanização dos Wassu Cocal, tratá-los como meros obstáculos ao progresso econômico. Essa abordagem ignora suas realidades complexas e suas contribuições para a diversidade cultural do Brasil. Portanto, repensar como esses discursos são construídos e quais interesses estão por trás deles tem uma importância teórico-prática, pois os discursos sobre o indígena brasileiro, aqui analisados, sedimentam um grande silenciamento do nosso processo histórico e social de colonização e, nesse sentido, problematizar tais discursos contribui para a desconstrução de narrativas que marginalizem a identidade Wassu Cocal e promovam uma visão uniformizada do indígena Brasileiro, negando sua identidade, sua existência e história enquanto constituinte dos povos originários desta terra.

REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução: Cristina de campos Velho birk et al. São Carlos: Edufscar, 2014.

FLORÊNCIO, Ana Maria Gama et al. **Análise do Discurso**: fundamentos e práticas. Maceió: Edufal, 2009.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípio e procedimentos. 7ª- ed. Campinas: Pontes, 2007a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas de Silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Edit. Da Unicamp, 2007b.

ORLANDI, Eni. **Terra à vista** - Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo. Campinas: Unicamp, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Maio de 68: Os Silêncios da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. Tradução: José Horta Nunes. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.